



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
CURSO DE CINEMA E ANIMAÇÃO

**O FIM DOS CINEMAS DE CALÇADA: UM BREVE OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS  
NA EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA NA CIDADE DE PELOTAS**

GEISI XAVIER FUNES  
PROF<sup>a</sup>. ORIENTADORA: CÍNTIA LANGIE

PELOTAS, FEVEREIRO DE 2013.

GEISI XAVIER FUNES

**O FIM DOS CINEMAS DE CALÇADA: UM BREVE OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS  
NA EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA NA CIDADE DE PELOTAS**

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado à  
Universidade Federal de Pelotas, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Cinema e Animação.

Profª. Orientadora: Cíntia Langie.

PELOTAS, FEVEREIRO DE 2013.

“A aceleração da retórica audiovisual é uma alegoria; movermos-nos no tempo em saltos de zapping, sem que a memória estabeleça conexões entre o que aconteceu e o que está acontecendo”.

(Beatriz Sarlo)

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o pioneiro do cinema na cidade de Pelotas mostrando suas produções e meio de exibição nos cinemas de calçada do município e também fazer uma reflexão sobre as mudanças sociais e o reflexo do novo momento social para o desaparecimento das salas.

Palavras-chave: Pelotas. Cinema de Calçada. Exibição.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar el pionero del cine en la ciudad de Pelotas y mostrando sus producciones en los cines a través del municipio empedrado y también para reflexionar sobre los cambios sociales y la nueva coyuntura social de reflexión para la desaparición de las habitaciones.

Palabras clave: Pelotas. Acera Cinema. Exhibición.

## 1 INTRODUÇÃO

O surgimento do cinema como forma de expressão propõe a abertura de uma enorme possibilidade de manifestações sociais, influenciando diretamente no cotidiano. Com o cinema, o público passa a observar as imagens enquanto espetáculo, estabelecendo uma nova reorganização do olhar ancorada à narrativa cinematográfica, uma nova linguagem relacionada ao conjunto de transformações sociais. Assim que o cinema deixou de ser um mero registro da realidade e passou a ser visto como narrativa ficcional, pôde-se perceber o seu potencial enquanto produto artístico e de fácil comercialização. As produções passam a ser não somente de registro histórico e surgem então os documentários e as ficções.

Em um contexto mundial, o cinema começou na França. Através da invenção do cinematógrafo, aparelho construído pelos Irmãos Lumière, que consiste no registro de uma série de fotogramas que quando projetados criavam a ilusão do movimento.

Já em um contexto nacional, o cinema gaúcho possui um papel fundamental na história do cinema brasileiro. A cidade de Pelotas, no século XIX, se fazia conhecer como o centro cultural da região, por consequência do estudo dos filhos de proprietários de charqueada, que voltavam querendo implantar aqui o que vivenciaram na Europa. Pelotas foi a cidade escolhida por Francisco Santos, um inquieto português que aqui marcou seu nome na cultura, tornando o município uma importante indústria cinematográfica.

Conforme pesquisa feita no acervo de Nelson Nobre localizado na Rua XV de novembro entre a Rua 7 de setembro e a Praça Coronel Pedro Osório, a primeira sessão de cinema foi realizada na Bibliotheca Pública Pelotense, no dia 26 de novembro de 1896, por Francisco Paola.

Hoje em dia, só existe um cinema na cidade, o Cinearte. Localizado no centro, dentro de uma galeria. Os filmes em cartaz, que são blockbusters<sup>1</sup>, são distribuídos entre as três salas de exibição. Segundo o gerente da distribuidora Arco Íris, empresa que administra o Cinearte, Geraldo Cortez Sica, os espectadores dos filmes de blockbusters frequentam mais as salas, já o espectador dos filmes de arte são mais seletos. Nos últimos anos como forma de alternativa vem surgindo outros meios de exibição como os cineclubes e os ciclos de cinema.

---

<sup>1</sup> Blockbusters é o termo usado para designar os filmes mais assistidos no cinema embora atualmente seja utilizado em Hollywood apenas para aqueles filmes que sejam grandes produções e que sejam campeões de bilheteria na semana de estreia nos Estados Unidos.

Através das ideias dos autores e da pesquisa histórica o presente artigo consiste em refletir sobre o novo momento social. Primeiro o artigo apresenta informações sobre o surgimento do cinema no município sob o olhar do pioneiro da cinematografia em Pelotas e logo após apresenta as ideias dos autores sobre o novo espaço social e a nova realidade de exibição.

Para dar conta de tal desafio, a pesquisa tem como referencial teórico importantes autores dos estudos culturais, autores esses que auxiliam a compreender o cinema e sua relação com o espaço social.

Um deles é a autora Beatriz Sarlo, com o livro *Cenas da vida pós-moderna*, publicado na Argentina em 1994, onde faz uma análise crítica da pós-modernidade como clima cultural de nosso tempo. É através dessa mudança que a autora oferece uma leitura de fenômenos tão aparentemente diversos como os shopping centers, a estrutura excludente do desenho urbano, os hábitos culturais dos jovens, o auge dos videogames, o marketing e a crise política, o uso compulsivo do controle remoto – chamado de “zapping”, a programação televisiva e sua estrutura de repetição, a mercantilização da arte e o resgate das suas funções sociais.

Outro autor é o Cristiano Zanella com o livro *The end – cinemas de calçada em Porto Alegre*, este ressalta o papel social dos cinemas de calçada na sociabilidade na primeira metade da década de XX. O autor indica que esses cinemas funcionavam como “espaços de reações sociais, que cumpriam papel aglutinador da população e também formador da identidade cultural e urbana dos habitantes da cidade” (ZANELLA, 2006, p. 29).

Além desses dois autores, optou-se por trazer a está análise outros autores para dar seguimento à pesquisa histórica como: Yolanda Lhullier dos Santos e Pedro Henrique Caldas com o livro *Francisco Santos – pioneiro no cinema do Brasil*, João Guilherme Barone e Silva como livro *Comunicação e Indústria Audiovisual – Cenários Tecnológicos e institucionais do Cinema Brasileiro na década de 90*, e os organizadores Leo Charney e Vanessa R. Schwartz do livro *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna* que reúne autores que pensam sobre a experiência moderna.

Através da pesquisa histórica realizada para o presente artigo primeiramente apresenta-se Francisco Santos, o pioneiro do cinema na cidade de Pelotas e cita-se algumas de suas produções e suas exibições nos cinemas de calçada do município. Logo em seguida, no segundo capítulo, busca-se apresentar as ideias dos autores sobre o novo espaço social e a nova realidade da exibição cinematográfica, para no final traçar uma breve reflexão sobre a mudança dos hábitos sociais em relação o ato de ir ao cinema.

## 2 O PIONEIRO FRANCISCO SANTOS E O CINEMA NA CIDADE DE PELOTAS

Este capítulo será dedicado a um inquieto artista lusitano que colocou a cidade de Pelotas na história do cinema brasileiro através da fundação de sua indústria cinematográfica na cidade e de suas produções.

Para o autor Pedro Henrique Caldas:

Seu nome insere-se na grande lista dos esquecidos pela história do cinema nacional. É verdade que alguns raros e minuciosos pesquisadores registram sua atividade cinematográfica no Rio Grande do Sul. Mas, de maneira geral, Santos aparece comprimido em rápidas e, às vezes, obscuras citações (CALDAS, 1996, p. 23).

Francisco Santos nasceu em Portugal, na cidade do Porto, em 16 de janeiro de 1873. Teve como padrinho o célebre escritor Camilo Castelo Branco. Seus pais eram de família tradicional daquela região. Urbana Dias Ferreira, sua mãe, apontada como a primeira advogada mulher do país, enviuvou quando seus filhos eram adolescentes, tornando a se casar, posteriormente, com o diplomata Francisco do Amaral Boto Machado. Francisco Santos não fazia gosto dessa nova união, vindo a se afugentar de casa, quando seu padrasto quis obrigá-lo a cursar a Faculdade de Direito de Coimbra, destino das “boas famílias” portuguesas. Santos tornou-se ajudante de fotógrafo, vindo a se tornar fotógrafo logo em seguida. Depois, trabalhou na redação do jornal, o que lhe permitiu entrar em contato com a vida cultural das cidades.

Conta-se que, certo dia, quando assistia aos ensaios de uma companhia teatral, convidaram-no a integrar o elenco, em substituição de um ator que adoecera. Esse episódio, não comprovado, o teria lançado no teatro. Outra versão, mencionada por familiares, mas não confirmada, é a de que a adesão de Santos ao teatro deu-se durante uma viagem a Paris (CALDAS, 1996, p. 16).

Não há muitas referências sobre a carreira de Santos como ator. Sua atuação foi discreta. Teve aparições no Teatro Avenida de Lisboa e fez parte da Companhia dirigida por Salvador Marques. É dessa época seu relacionamento com a atriz Adelina Nobre. Segundo depoimentos prestados por filhos de Santos, ele entusiasmou-se com o cinematógrafo criado pelos Irmãos Lumière e resolveu dedicar-se ao cinema (CALDAS, 1996, p. 16).

Santos adquire filmes e equipamentos e viaja por Portugal, Espanha e Norte da África. Não há registros sobre seu retorno a Lisboa. Com o tempo, Santos foi aprimorando-se como ator profissional, integrando importantes companhias da época. No ano de 1902 Santos ingressa na companhia do Teatro Príncipe Real com o objetivo de partir para o Brasil com a próxima temporada e logo em seguida trabalhar com o cinema pensando assim no rápido reconhecimento da sociedade.

“Libertar-se da organização teatral portuguesa, onde se situava no terceiro escalão e partir para o Brasil a fim de, através do teatro e depois cinema, encontrar uma melhor situação sócio-profissional, dentro da sociedade geral” (CALDAS, 1996, p. 19)

Em 5 de janeiro de 1903, o jornal “O Século”, assim noticiava o embarque da companhia:

Parte hoje para o Pará, no Colombo, a Companhia constituída pelas atrizes: Amélia Vieira dos Santos, Rosa de Oliveira, Julia Baptista, Joaquina Vellez, Augusta Guerreiro, Adelina Santos e Shopia Gallini; e pelos atores: Ernesto do Valle, Alvez da Silva, Luciano de Castro, José Baptista, Ramalhete, Torres José Franco e Francisco Santos e da qual é empresário o Sr. Juca de Carvalho (CALDAS & SANTOS, 1996, p. 19).

Na virada do século XIX para o século XX, vieram para o Brasil um grande número de grupos teatrais portugueses. O elenco e as montagens nacionais eram de caráter amador, com isso ocorreu o predomínio lusitano nos teatros brasileiros, num fluxo intenso cuja principal motivação eram os produtos fabricados no Brasil: a borracha, o cacau, o café e o charque. A companhia conquistou o público de Belém e Manaus, até que a febre amarela fulmina o elenco. Em 9 de maio de 1903, morre o ator José Baptista. O espetáculo que encerra a turnê da companhia foi marcado, às pressas para o dia 18 de maio. Alguns dos artistas voltam a Portugal, e outros, entre eles, Francisco Santos, permanecem em Manaus.

Segundo Caldas:

Depois da calamidade, a primeira informação a respeito de Francisco Santos surge a propósito da presença, em Manaus, da Companhia Dramática do Teatro São Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro. Comandado pelos empresários Roberto Guimarães e Cardoso da Mota, este elenco apresentara a peça O Acre, em 21 de julho de 1903, do que se tem o seguinte registro (CALDAS, 1996, p. 22).

No ano de 1904, Francisco Vieira Xavier e Francisco Santos criam a Companhia Dramática Francisco Santos e aventuram-se por turnês no Brasil. A Companhia chegou ao Rio Grande do Sul, abrindo temporada no teatro Politeama, localizado na cidade de Rio Grande. Depois, seguiu para Porto Alegre, onde a boa receptividade do público prolongou a

temporada no Teatro São Pedro. Encerrada a temporada na capital, a Companhia apresenta-se no Teatro Sete de Abril, em Pelotas, após apresentação no município a Companhia percorreu por cidade do Estado e Montevideú.

Em 1912 o ator português Francisco Santos, retorna ao Brasil e decide morar no município de Pelotas e com a ajuda do sócio e amigo Francisco Xavier fundam a Fábrica Guarany, a primeira produtora gaúcha. Em seguida produziram o curta-metragem “Os óculos do Vovô” e, em 1914, foi filmado o primeiro longa-metragem brasileiro, “O crime dos Banhados”, dirigido por Francisco Santos e filmado em Pelotas.

A produção pelotense de 1913, “*Os óculos do Vovô*”, dirigida pelo português Francisco Dias dos Santos, é o mais antigo filme brasileiro. O cineasta também deu ao município o orgulho de ter filmado, no mesmo ano, o primeiro longa-metragem da América Latina, O crime dos banhados, do qual não existem mais registros. Em 1º/01/1913 – O DP noticiava que Francisco Santos havia alugado o prédio de propriedade na Rua Marechal Deodoro, 459, onde funcionou a primeira produtora de cinema fora do eixo Rio - São Paulo, a Guarany Filmes (DIAS, Ana Claudia. Diário Popular, 27/08/2002, p. 12).

Francisco Santos é um dos fundadores do Theatro Guarany, que operava como cinema. Além do teatro, há registros de outras salas de cinema fundadas por ele.

Decidimos a construir um grande cine-teatro, mas sem dispor de todo o capital necessário, Santos e Xavier associam-se ao espanhol Rosauero Zambrano, um influente agente comercial, charqueador e empresário lotérico. Constituem, então, a mesma Santos, Xavier & Cia (depois Zambrano, Xavier & Santos), com o objetivo de construir um “grande e modernoso teatro” orçado em 400 contos de réis. Denominação do teatro: Guarany (SANTOS; CALDAS, 1995, p. 81).

Santos filmou cine-jornais, os quais complementavam a programação dos cinemas, das festas da capital de grande importância cultural e política, e os desfiles carnavalescos do Clube Brilhante. A imprensa sempre acompanhou a evolução técnica da *Guarany Filmes*, que era admirável.

Através do reconhecido trabalho da Guarany Films, o cinema começou a ganhar importância no município e desde então muitos cinemas de calçada começaram a surgir. Nessa época o público vira espectador assíduo das salas de cinema. Os cinemas de calçada são vistos como ponto de encontro na cidade.

A primeira obra de ficção lançada pela Guarany Films, “Os óculos do Vovô”, originalmente em duas partes narrava as peripécias de um menino travesso que pinta de preto os óculos do avô, enquanto dormia. Ao acordar, e acreditando-se estar cego, o avô tem um grande susto e provoca uma série de fatos engraçados.

Caldas relata:

Santos dirigiu, escreveu o roteiro e interpretou o avô atrapalhado. No papel do garoto estava seu filho Mário, de 6 anos. Graziella e Jorge Diniz interpretavam os pais, enquanto Oscar Araújo era o doutor. Francisco Xavier participou como operador de câmera (CALDAS, 1996, 54).

As filmagens foram feitas no Parque Souza Soares e no estúdio da *Guarany*. Utilizando uma “requintada e elaborada técnica de montagem.

Eduardo Leonde afirma que:

É possível observar uma lógica corrente entre os diversos espaços utilizados. A extrema elaboração do fragmento oferece perspectivas de um estudo, em maior profundidade, da linguagem fílmica do cinema brasileiro. “Por muitas décadas o filme ficou desaparecido, causando até dúvidas a respeito de sua realização. Em 1973, graças ao cineasta e pesquisador Antonio Jesus Pfeil, o mistério foi finalmente desvendado (LEONDE *apud* CALDAS, 1996, p. 59).

*Pfeil* foi a São Paulo visitar *Yolanda Lhullierdos Santos*, filha de Francisco Santos. Ao ser indagada sobre os fragmentos do filme, ela confirmou que guardará uma caixa deles.

Os fragmentos do mais antigo filme brasileiro estão guardados numa caixa de papelão vermelho e dourado. Podem explodir com a cinza de um cigarro. É por isso que Antonio J. Pfeil, um gaúcho de 33 anos, só mostra essas relíquias depois de se certificar de que não existe nenhum perigo à sua volta. Os fragmentos são do filme *Os óculos do vovô*, feito em 1913, por Francisco Santos, na cidade gaúcha de Pelotas (O Estado de São Paulo, 8 de agosto de 1973).

*Pfeil* não hesitou em montar os fragmentos, para ter, em suas mãos, o filme mais antigo do Brasil. A parte encontrada possui cerca de cinco minutos de duração, ressentindo-se do trecho em que o menino pinta os óculos do avô, a qual forneceria ideia mais completa. Depois da recuperação foram feitas duas cópias de 33 mm (trinta e três milímetros) destinadas à Cinemateca do Museu de Arte do Rio de Janeiro e Cinemateca Brasileira de São Paulo.

Pôde-se perceber que Francisco Santos participou de muitas produções e exibições na cidade, fazendo com que a Princesa do Sul fizesse parte da história do cinema gaúcho. Além de prestar serviços, através de sua empresa, tornava suas produções um produto, exibindo os filmes em diversos cinemas de calçada existentes na época e prestigiados pelo público.

### 3 A RELAÇÃO DA EXIBIÇÃO DO CINEMA COM O AMBIENTE SOCIAL

Segundo o autor João Guilherme Barone (2009), o núcleo central da produção cinematográfica forma uma tríade entre produção, distribuição de exibição. E é a partir dessa tríade que o espaço audiovisual é organizado por meio dos processos que viabilizam a cadeia produtiva da concepção ao consumo final dos produtos.

A exibição, terceiro elemento dessa tríade central, opera os meios físicos e os sistemas necessários ao consumo final do produto audiovisual. Nesse sistema simbólico, o setor de exibição corresponde ao campo responsável pela última mediação entre o produto e o público consumidor. O bem simbólico desse mercado, o filme, só encontra sentido e sua afetiva existência no momento em que é projetado em uma tela para o desfrute do público. Esse, o ato essencial do fenômeno cinematográfico, em torno do qual se organiza o denominado mercado exibidor (BARONE, 2009, p. 25).

No município de Pelotas o mercado exibidor cresceu consideravelmente após o reconhecimento das produções de Francisco Santos. Santos exibia seus filmes em locais públicos e posteriormente nas salas dos cinemas de calçada que começaram a surgir. Os espectadores se identificavam com aquilo que era exibido na tela, reconheciam as locações e alguns atores.

Com o crescimento da indústria cinematográfica na cidade os cinemas de calçadas passaram-se a serem vistos como ponto comercial de forma que em pouco tempo a cidade contava com mais de 30 salas de exibição. Os cinemas foram distribuídos pelos bairros e estes contavam com filmes de grande repercussão na época, como por exemplo, “A Face Oculta” lançado no ano de 1961, com direção de Marlon Brando, filme de estreia do Cine Tabajara. Cinema este que foi inaugurado no dia 10 de outubro de 1963 e fechou suas portas no dia 30 de janeiro de 1997, hoje funciona uma igreja evangélica no prédio.

As atividades da Guarany Filmes eram alvo permanente do interesse da comunidade, visto que, dia após dia, as novidades moviam-se nas telas do Coliseu Pelotense, Politeama e Ponto Chic. Pelotas aparecia no cinema como Londres, Nova York ou Paris, e, eventualmente um cidadão comum posava de ator numa cena da atualidade (CALDAS, 1996, p. 50).

Da mesma maneira que os cinemas de calçada começaram a surgir rapidamente na cidade, eles também foram fechados. O município que numa época oferecia para o público mais de trinta cinemas, alguns com mais de trezentos lugares e mais de uma sala de exibição, como o Cine Capitólio, hoje dispõe de apenas um cinema, o Cinearte, este conta com apenas

três salas de exibição com a estrutura precária.

Na cidade de Pelotas, como muitas cidades brasileiras, os cinemas de calçadas começaram a surgir, em bairros distintos, como o Cine Fragata, localizado no bairro Fragata, inaugurado no dia 6 de julho de 1949 e fechado no dia 29 de janeiro de 1985, o cinema possuía ocupação para 1142 espectadores, hoje neste local funciona uma casa noturna. O Cine-Theatro Apollo, localizava-se próximo a zona do porto, inaugurado no dia 4 de setembro de 1925. Possuía ocupação para 1450 espectadores. Hoje há um prédio residencial no local. O Cinema Praiano, localizado na Praia do Laranjal, um bairro afastado da cidade. Entre muitos outros cinemas de calçada que foram surgindo na época.

“Foi no Teatro Sete de Abril, o mais antigo do Brasil em funcionamento, que a sociedade pelotense desabrochou para os encantos da sociabilidade e para os mistérios da arte” (MAGALHÃES, 1999, p. 51).

Para melhor entendimento da pesquisa, no anexo<sup>2</sup>, apontam-se alguns cinemas de calçada que já existiram na cidade. Esses dados foram levantados através de uma pesquisa de campo, por intermédio de leitura de livros e periódicos e através de consulta ao acervo de Nelson Nobre.

Através de uma série de interferências diretas ocorridas em relação às estruturas e simbologias criadas em torno do cinema essas sofrem e se transformam a partir do processo de construção de novos significados deste espaço, no caso, os cinemas de calçada, essa mudança passa a partir de agora a ser foco do artigo. Assim, entender a estrutura envolta na transformação do cinema requer problematizar como o processo de construção e inserção de novas tecnologias que modificaram num dado momento o cinema.

Segundo Ben Singer, as mudanças na cidade proporcionam, sobretudo, novas formas de adaptação e interação entre os indivíduos que convivem naquele espaço: “[...] modernidade tem que ser entendida como um registro da experiência subjetiva, fundamentalmente distinto, caracterizado pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno”.

A modernidade, ao produzir mudanças significativas, passa a ser entendida como um bombardeio de estímulos diários. Modificando e transformando a cidade e conseqüentemente, os indivíduos numa intensidade de mudanças audiovisuais que estimulavam novas sensações.

Segundo o autor João Guilherme Barone, há uma reflexão entre as questões contemporâneas, como a liberdade de informação e acesso à tecnologia, a velocidade da informação e as mudanças decorrentes do uso de determinadas tecnologias.

---

<sup>2</sup> ANEXO - Apontam-se alguns cinemas de calçada, existentes na cidade de Pelotas, com o nome original, data de inauguração, data de fechamento e bairro que se localizava. Alguns dados não foram encontrados.

A mediação do computador e das ferramentas digitais, na produção, distribuição e exibição de conteúdos audiovisuais, em substituição progressiva e crescente dos processos mecânicos analógicos tradicionais, altera de maneira irreversível o espaço audiovisual (BARONE, 2009, p. 48).

Novas modalidades de acesso a um tipo de informação que desperta fascínio, o cinema, começam a surgir provocando assim alterações sociais. O cinema passa a competir com a televisão, essa podendo ser vista como a principal causadora das transformações que definem o campo do audiovisual, tendo como agentes as corporações que controlam a produção e a circulação de conteúdos. Mais adiante surge mais uma opção de acesso aos filmes, o videotape, viabilizando os sistemas de televisão e conseqüentemente o surgimento dos gravadores domésticos de vídeo, criando um novo e importante mercado para o cinema. Paralelamente a tecnologia digital amplia o acesso ao conteúdo audiovisual criando o formato VHS, formato de fácil manuseio e de alta qualidade de som e imagem.

Na cidade de Pelotas, nos anos 90, as locadoras de fitas VHS eram bastante comuns, o espectador passa a assistir filmes na comodidade de suas casas e conseqüentemente deixa de frequentar as salas de cinema. Dentre os vários motivos apontados para o esvaziamento das salas de cinema em geral, destaca-se também a violência urbana, os shopping centers oferecem uma melhor estrutura de segurança para o público, existem as câmaras de seguranças e os estacionamentos internos, além de melhor comodidade, a valorização do consumo e inovações tecnológicas.

*O shopping center* seja qual for sua tipologia arquitetônica, é um simulacro de cidade de serviços em miniatura, onde todos os extremos do urbano foram liquidados: as intempéries, que as passarelas e arcadas do século XIX apenas interromperam, sem anular; os ruídos, que não correspondiam a uma programação unificada; o claro-escuro, produto da colisão de luzes diferentes, contrárias, que disputavam, reforçavam-se ou, simplesmente, ignoravam-se umas às outras; a grande escala produzida pelos edifícios de vários andares (SARLO, 1997, p. 14).

Os cinemas de calçada foram desaparecendo rapidamente diante das inovações tecnológicas, das mudanças de comportamento da sociedade e das reviravoltas culturais e políticas. Segundo o autor Cristiano Zanella, o ato de ir ao cinema compõe em torno de si uma variedade de experiências e comportamentos, ora forjando estilos, ora servindo de espaço de convivência para manifestações culturais. Congrega uma diversidade de valores e costumes que vão se modificando com os referenciais da modernidade.

Em primeiro lugar, sugiro a existência de dois processos de deslocamento do cinema: o primeiro é esse *deslocamento físico*, ou seja, aquele em que o cinema muda de local; o segundo, talvez oculto, é o *deslocamento perceptivo*, aquele que

diz respeito a uma mudança do “ritual” ou do “clima” de assistir a um filme. Ambos, portanto, seriam interdependentes e contribuiriam para a configuração do *cinema-mercadoria de vitrine* (ZANELLA, 2006, p. 27).

A partir dos anos 1950, a presença cada vez mais marcante da televisão no cotidiano da população, a entrada em cena do videocassete e das TVs por assinatura fez com que o público de cinema reduzisse drasticamente. Esses, juntamente com outros importantes fatores, acabaram por levar muitos cinemas de calçada a encerrarem suas atividades. E em meados da década de 1980 teve início o processo de desaparecimento das salas de cinema das ruas do eixo Rio-São Paulo, do Brasil e do mundo.

Nesses anos em que, definitivamente, os cinemas de rua começaram a fechar maciçamente suas portas, houve uma migração das salas para os novos shoppings que estavam sendo construídos centros urbanos, que por sua vez eram decorrência de uma profunda modificação dos hábitos de consumo por parte da população brasileira (ALMEIDA; BUTCHER, 2003, p. 54-55).

A modernidade, ao produzir mudanças significativas, passa a ser entendida como um bombardeio de estímulos diários. Modificando e transformando a cidade e os hábitos da sociedade, o espectador acompanha essa mudança e passa a frequentar as salas de cinema nos shopping centers.

#### **4 CONCLUSÃO**

Hoje, com o fácil acesso aos filmes, a terceira etapa da cadeia – a exibição – se modifica totalmente. Então é graças aos avanços ligados a comunicação que o consumo de filmes se altera. Voltando ao ponto de foco deste artigo – a cidade de Pelotas – pôde-se perceber através da pesquisa história que o município já foi um ponto cultural onde existiam diversos cinemas e atrativos ligados à cultura, por um determinado período estacionou-se, e agora parece estar querendo retomar.

Antigamente, os cinemas eram pensados para as grandes massas. Tomando como referência o produto cinematográfico no suporte tradicional, o mercado das salas de cinema permanece como segmento importante para a indústria. Entretanto o desenvolvimento tecnológico proporcionou uma notável transformação dos campos de exibição com o surgimento de novos formatos.

Vestígios de um tempo que não volta mais: os áureos tempos dos cinemas. A tradição das instalações, o pipoqueiro na entrada, as filas que dobravam quarteirões, o reboiço nas calçadas. Não eram simplesmente salas de projeção. Eram espaços de socialização comunitária e de formação do público. Uma parte importante de nosso patrimônio cultural vai desaparecendo, com a interdição do circuito exibidor das vias públicas lugares de lazer e cultura na rua são fechados. Elimina-se assim um ponto de encontro, um local de discussão, um espaço de vivência da diversidade, e surgem novos espaços.

Dentre os vários motivos apontados para o esvaziamento das salas de cinema, em geral destaca-se também a violência urbana, os shopping centers oferecem uma melhor estrutura de segurança para o público, existem câmeras de segurança, estacionamentos internos, além de melhor comodidade, a valorização do consumo e inovações tecnológicas.

Atualmente notou-se um crescimento de sessões chamadas de alternativa como cineclubes e ciclos de cinema. Lista-se aqui alguns destes novos espaços: o cineclube ZERO 3 – projeto de extensão da UFPel, 2010, o Cineclube 1968 da RadioCom inaugurado em 2011, o Cineclube Fanopéia do IF-Sul, o Ciclo “A filosofia e o cinema religioso” – sob coordenação do professor Luís Rubira, entre outros. Seguindo esta mesma ideia também aconteceu um evento organizado por alunos da Universidade Federal de Pelotas, estudantes dos cursos de Artes Visuais e Cinema, a quem se deu o título de Noitão, o lugar escolhido para a realização do evento foi o Cine Capitólio. Há também um festival de cinema na cidade – o Manuel Padeiro – mais um espaço de contemplação da arte cinematográfica na cidade de Pelotas, o festival além de dar espaço para as produções feitas na cidade, também proporciona a vinda de muitos profissionais da área de diversos lugares do país, oportunizando assim além da troca de informações e experiências, um novo olhar para a cidade. Outro fator que merece ser citado é a criação do curso de graduação em Cinema na cidade, que vem dando espaço a novas produções e conseqüentemente o número de exibições alternativas também tem aumentado consideravelmente.

Percebe-se, portanto, que o município está passando por um momento de retomada, o público está adaptando-se as mudanças e frequentando novos meios de exibição sem deixar de assistir aos filmes. O ato de ir ao cinema compõe em torno de si uma variedade de experiência e comportamentos servindo de espaço de convivência para manifestações culturais. Congrega uma diversidade de valores e costumes que vão se modificando com a modernidade.

## REFERÊNCIAS

BARONE, João Guilherme. **Cenários Tecnológicos e institucionais do cinema Brasileiro na década de 90**. Imagem-Tempo, 2009.

BUTCHER, Pedro. **O cinema brasileiro hoje**. PublicFolha.

CHARNEY, Leo.; SCHWARTZ Vanessa. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**.

DUARTE, Jorge.; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

REIS, Joari. **Breve História do Cinema**. Pelotas: Educat, 1995.

SANTOS, Yolanda.; CALDAS, Pedro. **Francisco Santos – Pioneiro no cinema no Brasil**. Edição Semeador, 1995.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna – Intelectuais, arte, videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TRUZS, Alice Dubina. **Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre (1861+1908)**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. Paz e Terra, 2006.

ZANELLA, Cristiano. **The end – Cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)**. Porto Alegre, Ideias a Granel, 2006.

## ANEXO A – SALAS DE CINEMA EM PELOTAS

NOME	INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	BAIRRO
Cine América	12/10/1956		Porto
Cine Apolo	04/09/1925		Porto
Cine Avenida	03/07/1927		Centro
Cine Capitólio	09/11/1928	10/2007	Centro
Cinearte	22/09/2001	Em funcionamento	Centro
Cine Coliseu	12/02/1910		Centro
Cine Eden Salão	15/08/1909		Centro
Cine Esmeralda	28/01/1954		Areal
Cine Fragata	06/07/1949	29/01/1985	Fragata
Cine Garibaldi	29/06/1968		Porto
Cine Gonzaga			Centro
Cine Glória			Fragata
Cine Teatro Guarany	30/04/1921	Em funcionamento como teatro	Centro
Ponto Chique	30/03/1912		Centro
Cine Politeama	25/12/1910		Centro
Cine Popular	23/04/1911		Centro
Cine Parisiense	23/04/1910		Centro
Cinema São Rafael	12/05/1938		Centro
Cine Rádio Pelotense	17/04/1962	01/07/2002	Centro
Cine Rey	14/07/1967		Centro
Cine Recreio Ideal	21/03/1912		Centro
Cine Tabajara	01/10/1963	30/01/1997	Centro
Cine Tamoio			Areal
Cine Tupi			Santa Terezinha